

A Amazônia é habitada, além das espécies animais e vegetais e dos humanos, por diferentes monstros, cada um deles 'dono' de um bicho, uma planta ou um objeto (como panela e flauta). Esse é um aspecto da visão de mundo dos índios Waurá. As características e os poderes atribuídos a esses seres extra-humanos e suas relações com o mundo visível compõem um rico imaginário 'sobrenatural', que tem muitos reflexos na vida cotidiana dessa comunidade indígena.

**BRASIL
500**

Aristóteles Barcelos Neto
Museu de Arqueologia
e Etnologia, Universidade
Federal da Bahia,
Núcleo de Estudos 'Música,
Arte e Sociedade
na América Latina e Caribe',
Universidade Federal
de Santa Catarina

Monstros

IMAGENS WAURÁ



Figura 1. Casal de panelas-monstro antropomorfas (*yerupoho nukāi kumā*) ávidas por carne humana (desenhadas pelo índio Itsautaku)



Figura 2. Caranguejo-monstro, o *apapaatai yalatu kumā* (à esquerda, em preto), e caranguejo 'comum', o *yalatu* (à direita, em vermelho), exemplo de um ser de natureza *mona* (desenhados pelo índio Kamo)

Figura 3. Arraia-monstro, o *apapaatai iyapu kumā* (à esquerda, em azul, amarelo e vermelho), e arraia 'comum', a *iyapu* (à direita, em preto), exemplo de um ser de natureza *mona* (desenhadas por Kamo)



Entre os índios Waurá, grupo de língua Arawak que vive na região do alto rio Xingu, no nordeste de Mato Grosso, o conjunto das criaturas existentes no mundo 'real' inclui uma série enorme de seres absolutamente desconhecidos da classificação que as ciências naturais herdaram de Carl Lineu. São urubus de duas cabeças comedores de almas humanas, cobras-canoa, morcegos-panela, raposas ferocíssimas com focinhos e dentes desproporcionais, panelas antropomorfas comedoras de gente (figura 1), peixes-flauta e araras subaquáticas, entre inúmeros outros seres extremamente singulares tanto na aparência quanto no comportamento.

Embora tenham surgido, segundo o pensamento Waurá, em um tempo mítico muito remoto, esses seres monstruosos, chamados de *apapaatai* e *yerupoho*, não têm sua existência restrita ao mito:

amazônicos

DA (SOBRE)NATUREZA



Figura 4. Atujuá, *apapaatai* relacionado aos ciclones e às 'onças celestes', com poderes de feitiçaria letal (desenhado por Kamo)

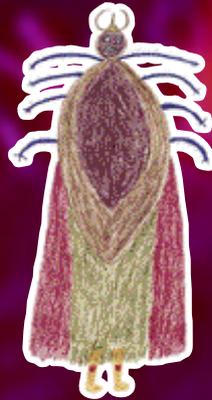


Figura 6. Aranha-monstro, o *apapaatai yuwa kumã* (desenhada por Ajoukumã)



Figura 5. Inseto-monstro, o *apapaatai meixulu kumã* (desenhado por Ajoukumã)



Figura 7. Casal de gente-sapo, o *yerupoho tikau* (desenhado por Itsautaku)

eles estão presentes constantemente no cotidiano Waurá. Um dos princípios em que se baseia essa presença permanente é o elo contínuo entre os animais e os *apapaatai* (figuras 2 e 3). Não há diferenças conceituais profundas entre 'animalidade' e 'monstruosidade': essas duas realidades ontológicas projetam-se uma sobre a outra. Este artigo procura mostrar algumas nuances das percepções Waurá a respeito dessa '(sobre)natureza', a partir das imagens dos sonhos e transe dos xamãs e de suas interpretações visuais.

Grosso modo, a ontologia (teoria da natureza dos seres) dos Waurá abrange três macrocategorias: os humanos ou de aparência humana (seres *ḥīḥī*), os animais, as plantas e os artefatos (seres *mona*) e os monstros (seres *kumã*, divididos em *apapaatai* e *yerupoho*). Os termos *mona* e *kumã* atuam como

modificadores lingüísticos da natureza das coisas e seres do mundo, ordenando-os em uma escala contínua das subcoisas às supercoisas. Tais modificadores foram analisados, nos anos 70, em outro grupo xinguno de língua Arawak, os Yawalapití, pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Os significados de *kumã* e *mona* entre os Waurá e os Yawalapití apresentam diferenças de pouca ou nenhuma relevância, indicando a existência comum de uma ontologia contínuo-gradativa entre os grupos Arawak do alto Xingu.

A categoria *kumã*, que significa arquetípico, extraordinário, monstruoso, gigantesco, perigoso, poderoso e/ou invisível, aplica-se basicamente aos grandes predadores (gavião-real e onças, por exemplo), aos *apapaatai* (figuras 4, 5 e 6) e aos *yerupoho* (figura 7 – ver também a figura 1). Essas duas últimas ▶

Figura 8. Classificação sumária dos objetos e seres *mona*

WAURÁ	PORTUGUÊS	
<i>Apapaatai</i>	Artefatos	Objetos de caráter utilitário ou ritual. Grande número de artefatos, sobretudo panela e instrumentos musicais, têm uma dimensão monstro (<i>kumã</i>)
<i>Apapaatai mona</i> ou, em certos contextos, apenas <i>apapaatai</i>	Animais de pêlo, em geral terrestres	A categoria inclui os mamíferos, basicamente os animais que os Waurá não comem (exceto os macacos)
<i>Kupato</i>	Peixes	Alimento por excelência. Há exceções, como o <i>ulako</i> (peixe-elétrico)
<i>Kuhupojato</i>	Aves	São as aves não ferozes, algumas muito úteis para a confecção de adornos plumários. Algumas substituem o peixe quando este não é recomendado, como após os nascimentos dos filhos e durante determinadas reclusões
<i>Kujupoja</i>	Aves rapinantes	São as aves carnívoras ou carniceiras, de bico volteado e garras. A principal é o <i>kujupoja kumã</i> , símbolo de <i>status</i> para quem tem uma engaiolada: suas penas, de grande valor simbólico, são usadas em adornos plumários suntuosos e valiosos comercialmente
<i>Uwi</i>	Cobras	Inclui todos os tipos de ofídios, nenhum deles comestível
<i>Yakawaka</i>	Insetos	A categoria corresponde aos ‘bichos pequenos de muitos pés’, que voam ou não
<i>Ata</i>	Árvores e arbustos	Inclui várias subclassificações sobre as quais não foram obtidas informações detalhadas. Muitas árvores têm ‘donos’ ferozes, e alguns habitam seu interior ou sua copa

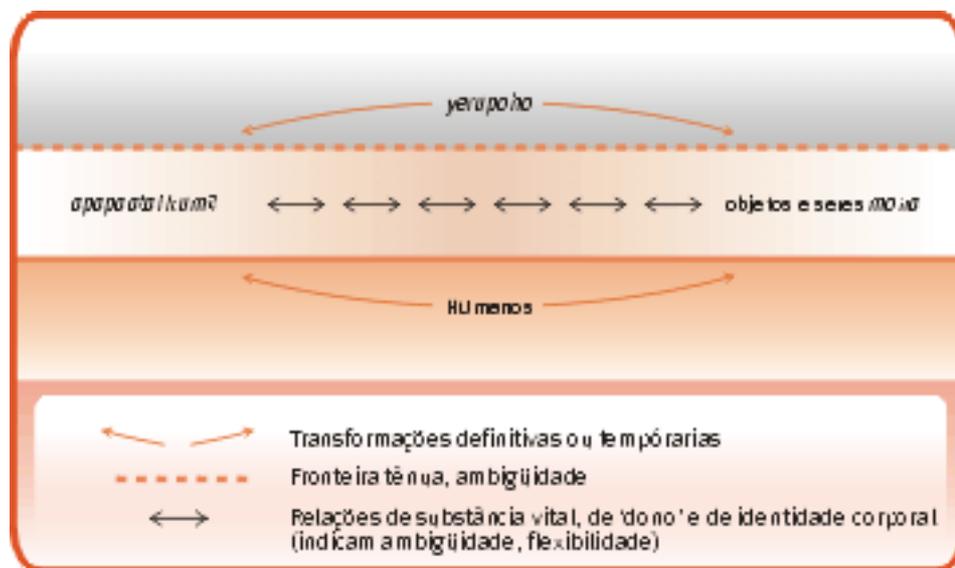
categorias possuem, além de sua dimensão monstro, uma dimensão visível e enfraquecida, representada pelos seres *mona*, termo que, nesse caso específico, significa visível, ordinário e comum, correspondendo aos animais palpáveis, que os Waurá identificam de acordo com seus hábitos fixos e comportamentos alimentares previsíveis.

A maioria dos artefatos e animais usados ou vistos cotidianamente – objetos e seres *mona* (figura 8) – pelos Waurá tem uma dimensão *kumã* que se manifesta sob duas formas: *ĩĩũũ* (gente: *yerupoho*)

ou *ĩĩũũ* (‘roupa’: *apapaatai*). Os *yerupoho*, em função de sua impressionante ambigüidade, constituem a mais complexa dessas categorias de seres. Como os *yerupoho* apresentam as duas naturezas, *ĩĩũũ* e *kumã* (há inclusive um conhecido como *ĩĩũũ kumã*, ou seja, homem-monstro), os Waurá os percebem simultaneamente como gente e monstro. Além disso, os *yerupoho* têm singulares relações anímicas e corporais com animais, plantas e objetos (figura 9). A categoria ontológica *yerupoho* indica, portanto, que todo ser *mona* (animais, plantas e objetos) tem um duplo antropomorfo – ou seja, o pensamento Waurá ‘humaniza’ bichos e coisas.

Embora os seres *mona* tenham seus habitats precisamente demarcados e conhecidos, a maioria dos seus duplos monstruosos (os seres *kumã*) pode ocupar ostensivamente todos os lugares do cosmo, como este é imaginado pelos Waurá (figura 10). Tais monstros, segundo esses índios, são dotados de extrema inteligência, de pontos de vista próprios e de uma sensibilidade artística especial, revelando-se perigosos, maliciosos e criativos, sendo a maioria feiticeiros e, al-

Figura 9. Esquema das transformações e relações das diferentes categorias de seres



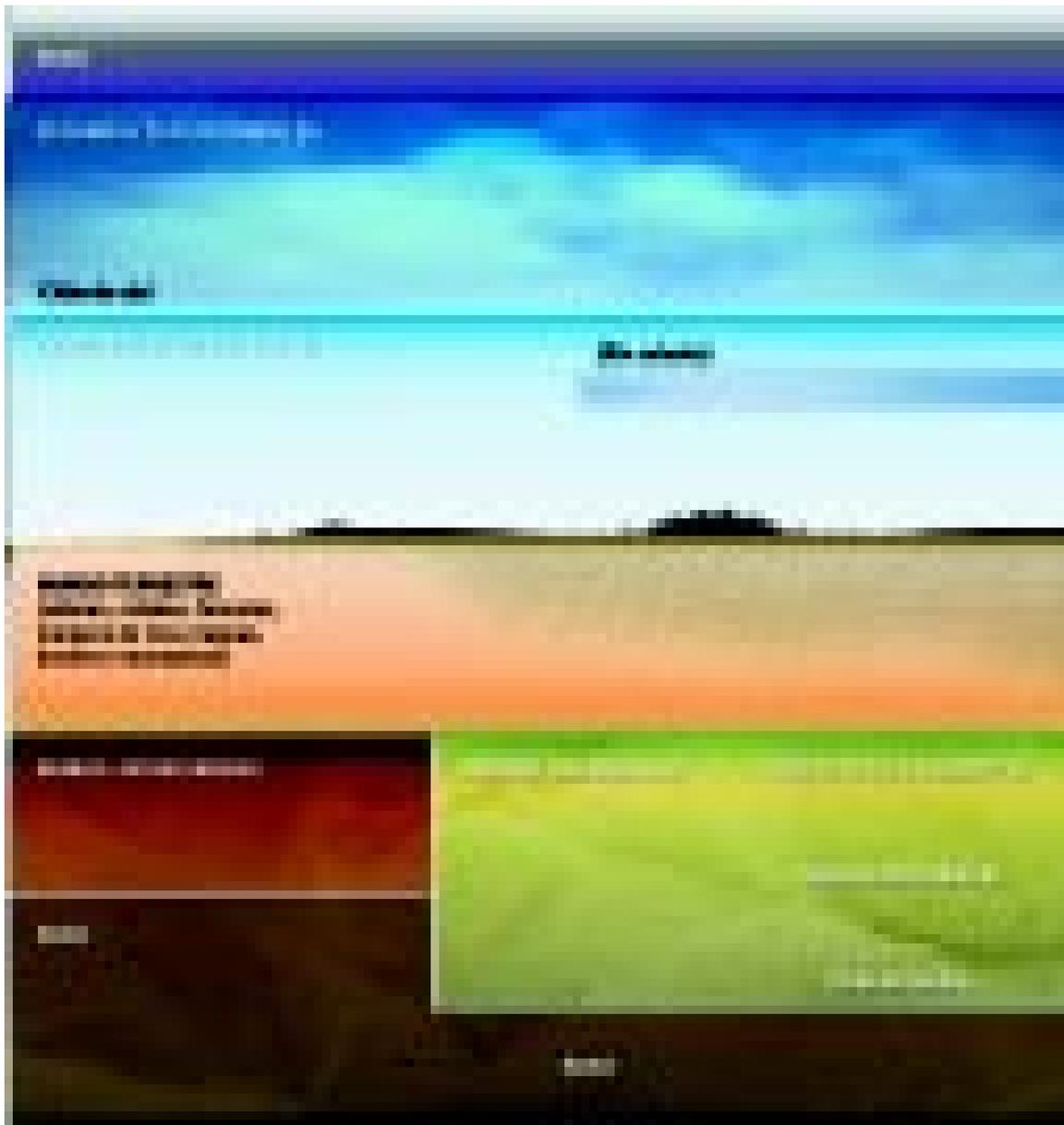


Figura 10.
As divisões
espaciais
do cosmo,
como este
é visto pelos
Waurá

guns, antropófagos. Eles perambulam e/ou habitam matas, lagoas, rios e aldeias do alto Xingu e até, dizem os Waurá, locais como o interior do Pão de Açúcar, na cidade do Rio de Janeiro, a esplanada dos ministérios e o lago Paranoá, em Brasília, e viadutos de São Paulo, além de inúmeros outros lugares do planeta.

Embora presentes em todos os espaços do cosmo, os *yerupoho* e *apapaatai* são visíveis apenas em situações especiais e liminares (sonho, doença grave, transe e morte), ou quando são feitas suas imagens (*pitalapitsi*, que em termos comparativos se aproxima da noção grega pré-clássica de *eidôlon*), tais como máscaras e flautas rituais e desenhos figurativos. Os desenhos apresentados neste artigo proporcionam uma visualização bastante clara do que vem a ser, para os Waurá, exemplos de *pitalapitsi* de *apapaatai* e *yerupoho*.

Idealmente, os *apapaatai* são percebidos ou imaginados a partir dos animais, artefatos e plantas com os quais os ‘monstros’ mantêm relações de identidade corporal e anímica (figura 11). Essas relações estão baseadas na noção de ‘dono’ (*wekeho*), segundo a qual todos os artefatos e as espécies vivas têm um *apapaatai* como ‘mestre’ e ‘protetor’. A *iyapu* (arraia) (ver figura 3), por exemplo, tem como ‘dona’ a *iyapu kumã* (arraia-monstro). Alguns *yerupoho* e *apapaatai*, porém, não são ‘donos’ de bichos, artefatos nem plantas, mas de músicas e motivos de ornamentação gráfica.

Um dos conceitos fundamentais da ontologia Waurá – a natureza altamente transformacional dos seres extra-humanos – baseia-se na noção de ‘roupa’ (*nai*). A noção de *apapaatai*, diretamente relacionada à idéia de ‘travestismo’ cosmológico, pressupõe que seres ‘sobrenaturais antropomorfos’ podem ▶

1. RELAÇÃO ANATÔMICA SUPERLATIVA

Essa relação é claramente percebida nos desenhos do *apapaatai meixulu kumã* (ver figura 5) e do *apapaatai atujuã* (ver figura 4), mas foram superdimensionadas respectivamente as antenas e as cabeças dos *apapaatai*.

2. RELAÇÃO ANATÔMICA METONÍMICA



Seres mona ↔ **yerupoho**

Muitos *yerupoho* possuem detalhes anatômicos dos animais com os quais compartilham a mesma substância vital (*paapitsi*). Em geral, apenas um detalhe expressivo, normalmente a cabeça, determina a relação. Na [figura 7](#) observa-se um casal de *yerupoho tikau* (gente-sapo). Grosso modo, podemos considerar os *yerupoho* 'zooantropomorfos'. A [figura 6](#) exibe uma aranha gigante antropomorfizada.

3. TRANSFORMAÇÃO CORPORAL ATRAVÉS DE 'ROUPAS' COM DESENHOS GEOMÉTRICOS (OGANA)



yerupoho e humanos → **apapaatai**

Padrão de transformação corporal mais recorrente, com inúmeros exemplos. *Arakuni* (o jovem incestuoso que, segundo a mitologia, virou cobra) é um caso de transformação de humano em *apapaatai* a partir da confecção de uma *maã* ('roupa') com desenhos geométricos. Nas [figuras 4 e 5](#) observa-se alguns motivos 'geométricos' usados na confecção das *maã*

Figura 11. Tipos de transformações corporais entre as diferentes categorias de seres

se 'vestir' com formas de animais, plantas, artefatos domésticos, instrumentos musicais e fenômenos naturais. Ou seja, a 'roupa' é uma exterioridade animal, vegetal, artefactual ou monstro que recobre uma interioridade antropomorfa ou zooantropomorfa, conhecida como *yerupoho*. A 'roupa' é a obra de arte da transformação, um corpo exterior singular e criativamente elaborado pelas alteridades 'sobrenaturais' para estabelecer uma nova identidade, sempre percebida a partir do corpo.

A criação da 'roupa' inspira-se, na maioria das vezes, em algum animal, tomando os elementos anatômicos típicos da espécie, alterando-os e associando-os a motivos gráficos geométricos. A 'roupa' (na verdade o próprio *apapaatai*) é um ser fabricado, que só tem vida por estar sendo 'vestido' por um ser (zoo)antropomorfo chamado *yerupoho*. Assim, uma 'roupa' abandonada só está potencialmente viva, podendo ser vestida por qualquer outro *yerupoho* que passe no local onde foi deixada. Se-

gundo o pensamento Waurá, até pessoas podem vestir 'roupas monstruosas' abandonadas para atacar alguém, mas isso é raríssimo. Mais comuns e evidentes são os usos das 'roupas' (na forma de máscaras, flautas e indumentárias de festas) pelos índios em ocasiões rituais. Os humanos, portanto, também 'vestem-se' de *apapaatai*, embora nesse caso existam implicações que ultrapassam o espaço de discussão deste artigo.

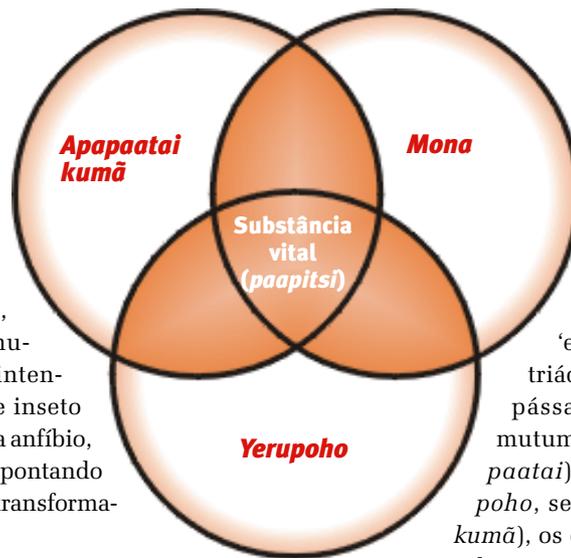
Em suma, os *apapaatai* são as 'roupas' e os *yerupoho* são os 'costureiros' e os principais usuários. A versatilidade na fabricação desses novos corpos – a 'roupa', de fato, não é nada mais que um 'corpo monstruoso' – é imensa: eles podem ser criados aos milhares, e cada um deles pode apresentar diferentes motivos 'geométricos' e formas extravagantes a cada vez que são criados. Quando um *yerupoho* abandona uma 'roupa', ele, na verdade, tem a intenção de mudar de corpo e se deslocar para outro espaço do cosmo: uma 'roupa' com nadadeiras, como uma arraia-mons-

tro (*iyapu kumã*), por exemplo, poderá levá-lo às profundezas das lagoas, onde encontrará alimentos diferentes e participará de festas nas aldeias subaquáticas. Através das ‘roupas’, alguns *yerupoho* podem mudar, dependendo de suas intenções, de peixe para ave, de inseto para réptil, de mamífero para anfíbio, de raposa para cobra etc. – apontando para um fluxo infundável de transformações no cosmo Waurá.

Na ontologia Waurá, portanto, o esquema dos seres extra-humanos apresenta-se como uma tríade (figura 12), que liga o *yerupoho* (o ser antropomorfo que se transforma em *apapaatai*), o próprio *apapaatai* (a ‘roupa’ vestida pelo *yerupoho* na transformação) e o animal, planta ou artefato (que confere ou inspira a forma corpórea do *apapaatai*). Em função das relações entre esses seres, há entre os Waurá uma série de tabus: alimentares, sexuais e laborais. Alimentar-se de determinados animais ou usar certas matérias-primas abre um canal de contato com o princípio vital dos *yerupoho* e *apapaatai*, o que pode provocar estados de doença nos humanos. A transgressão dos tabus alimentares é uma das situações privilegiadas que viabilizam a aproximação entre os humanos e as alteridades ‘sobrenaturais’.

A relação primordial entre os *apapaatai* e os seres *mona* parece ser de natureza anímica – animais e monstros compartilhariam uma mesma ‘alma’ (entendida como a substância vital do ser, manifestada por sua duplicação na forma de uma sombra, chamada de *paapitsi*). As diferenças entre animais e monstros seriam, portanto, muito mais de grau do que de natureza. Para os Waurá, o poder ofensivo dos seres *mona* só se manifesta através de suas dimensões invisíveis (ou raramente visíveis): *apapaatai* e *yerupoho*. São estes os seres que deflagram a vingança pela predação humana de um ser *mona*, lançando feitiços ou roubando e devorando almas humanas.

O princípio de interseção de substância vital implica que a monstruosidade e a periculosidade dos ‘sobrenaturais’ também estão potencialmente presentes na dimensão ordinária e visível (*mona*) dos seres. Tal princípio complementa a idéia das transformações, à qual está diretamente associada a fronteira virtual entre os seres *mona* e *kumã* (e sua ambigüidade/continuidade). Embora os *yerupoho*, os *apapaatai* (*kumã*) e os seres e objetos *mona* guardem suas particularidades ontológicas e tenham suas identidades singulares reconhecidas, suas existências estão ligadas umas nas outras porque compartilham aspectos de uma mesma ‘alma’.



Esta, porém, é uma relação existente apenas entre uma dada ‘espécie’ e seus ‘donos’ sobrenaturais, e não uma relação indistinta, que envolva toda e qualquer ‘espécie’. Existe uma relação triádica, por exemplo, entre o pássaro mutum (ser *mona*), a mutum-monstro (ser *kumã*, *apapaatai*) e o mutum-gente (*yerupoho*, ser antropomorfo, também *kumã*), os dois últimos sendo os ‘donos’ do mutum. Esses três seres são percebidos como co-extensivos, ou seja, se algo acontecer com um dos três ‘mutuns’, haverá conseqüências – embora assimétricas – também para os outros dois.

Aspectos do cotidiano, como o simples trabalho de descascar e ralar mandioca, também aproximam os humanos dos *apapaatai*. Ao trabalhar nas roças, por exemplo, as pessoas estão muito próximas do ‘dono’ da mandioca, a larva *kukuho* (*Sphingidae* sp.), em um quase contato, que não cessa aí. De volta para a casa, o trabalho com a mandioca continua criando situações de proximidade com *kukuho*. Mas o risco manifesta-se de fato quando uma mulher despreza, por pura preguiça, as raízes menores, as mais difíceis de descascar. Essa atitude, vista pelo *apapaatai kukuho* como um desrespeito, abrirá um canal que possibilitará o futuro adoecimento da mulher preguiçosa.

Assim, uma questão moral ganha um significado que invade o campo das alteridades ‘sobrenaturais’. Preguiça, sexo excessivo, nutrição insuficiente (ou melhor, o desejo de comer algo não disponível), consumo de alimentos tabus, entre várias outras questões morais, são atitudes que levam a uma arriscada proximidade entre seres humanos e extra-humanos.

Nesse contexto de relações com o ‘sobrenatural’, o papel dos xamãs tem crucial importância. No Alto Xingu, as atividades deste não incluem a transubstanciação dos alimentos (para que deixem de ser tabus), como a antropóloga britânica Joanna Overing observou entre os índios Piaroa, da Venezuela. Para os Waurá, os alimentos são o que são, e comer os que são tabu é risco certo: os filhos pequenos dos indivíduos transgressores poderão ter suas almas roubadas pelo ‘dono’ do animal consumido. Cabe ao xamã recuperar as almas roubadas pelos ‘sobrenaturais’. Portanto, está sob o seu poder manter cada realidade ontológica em seu devido lugar: ao negociar o retorno das almas humanas roubadas, o xamã impede que permaneçam em definitivo nos mundos dos seres ‘sobrenaturais’ e que se transformem metafisicamente em monstros. ■

Figura 12. As interseções entre os seres extra-humanos podem ser vistas como uma relação triádica de co-extensão

Sugestões para leitura

- FÉNELON COSTA, M. H., *O mundo dos Mehináku e suas representações visuais*, Brasília, Editora da UnB, 1988.
- LANGDON, E. J. & BAER, G. (Orgs.), *Portals of power: shamanism in South America*, Albuquerque, New Mexico University Press, 1992.
- LANGDON, E. J. (Org.), *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*, Florianópolis, Editora da UFSC, 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, E., *Indivíduo e sociedade no Alto Xingu: os Yawalapití* (dissertação de mestrado em Antropologia Social), Museu Nacional (Universidade Federal do Rio de Janeiro), 1977.
- VIVEIROS DE CASTRO, E., ‘Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio’, in *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 2(2), p. 115, 1996.